

# Desagravo aos Inconfidentes

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO

Causou grande apreensão nos meios culturais o lançamento da obra "Sociedade e História do Brasil" (Editora Instituto Teotônio Vilela) que através de seu conteúdo lança reavaliações duvidosas em torno de vários fatos históricos deste país.

Não vou me ater a outros episódios polêmicos (ou duvidosos) da obra; reserve-me a discorrer, ainda que sucintamente, a respeito de apenas um deles: o da Inconfidência Mineira que na visão do prof. Marco Antônio Villa (da Universidade de São Carlos/SP) foi um movimento de sonegadores de impostos reais, sem importância do ponto de vista histórico. Villa agride a memória de nosso conterrâneo Joaquim José da Silva Xavier - o Tiradentes, considerando-o como instrumento de massa de manobra de sonegadores, pobretão que exercia atividades próximas à escravidão, contrapondo a pesquisas e estudos de historiadores sérios, com vasta fundamentação em boas fontes históricas. Para sustentar a sua interpretação, Villa recorre-se da obra "Devassa da Devassa", que parece não ter sido bem assimilada por ele, já que Maxwell ali afirma que "por mais materiais que tivessem sido os seus motivos, os homens de Minas Gerais tinham pensado em fazer uma república livre e independente"; está aí, então, a prova de que o autor da "Devassa da Devassa" não considerou a Inconfidência um pífio episódio.

É neste contexto de almejar uma república livre e independente que se devem apurar as razões dos inconfidentes. Foi um movimento que obteve os maiores cuidados da Coroa Portuguesa, a ponto de culminar, em 21 de abril de 1792 com a execução do seu réu-mor, acusado de atentar com escandalosa temeridade contra a Real Soberania de Sua Majestade Dona Ma-

ria I. Ao ter seu corpo esquartejado e exposto pelos caminhos de Minas, os pedaços de Tiradentes serviram de exemplo, lembrando o castigo dado ao líder daqueles que ameaçavam a Soberania da Coroa. O movimento, mais do que a história do ouro, foi o movimento da história em busca da liberdade. A Inconfidência era um movimento que congregava uma burguesia ativa, composta de intelectuais, não sendo calcada exclusivamente numa sociedade de escravos; era também um movimento urbano e, como tal, visava atender às solicitações das necessidades urbanas.

É mister lembrar que, da morte de Tiradentes (1792) à Independência (1822), passaram-se trinta anos, fazendo-nos ver que o processo da Inconfidência Mineira acelerou o processo de nossa independência. Introduzir a inadimplência (ou sonegação) dos mineiros com a Fazenda Real como o único motivo da Conjuração, como quer o prof. Villa, é estranho e merece maiores cuidados de análise; dos devedores a monarquia desejava os bens e não a vida. Nenhum devedor, a princípio, seria executado e esquartejado ou degredado, estando aí a prova de que a Coroa nunca considerou os inconfidentes como meros sonegadores de impostos, mas como criminosos praticantes do maior crime da época: o de *lesa-majestade*.

"Desqualificar a Inconfidência e os inconfidentes, atropelando fatos e documentos, é exibição de mera tagarelice especulativa. Nada mais, nada menos". Esta é a afirmação de Marx Golgher em artigo de sua autoria, publicado no jornal EM (Caderno Pensar, 10/02/2001, p.3), que me serviu de base para este texto. Golgher afirma ainda que quem reconhece o particularismo dos mineiros no desafio per-

manente ao jugo colonial não é qualquer ufanista à feição de Antônio Celso, como imaginam Villa e cia., mas Martinho de Melo e Castro, a maior autoridade em interesses reais no Brasil e no planeta, que ao enviar suas "Instruções" (como todo-poderoso ministro da Marinha e Ultramar) ao governador das Minas, reconheceu, já em 1788, que o grande entrave à consecução do objetivo real de Minas servir à Metrópole era o de que "entre todos os povos de que se compõem as diferentes capitanias (do Brasil), nenhum talvez custou mais a sujeitar e reduzir à submissão de vassalos ao seu soberano, como o foram os de Minas Gerais".

Se ao historiador é facultado, no trato de acontecimentos, o uso razoável da imaginação para preencher os vãos deixados pelas relações ainda ocultas dos fatos que aborda, tal faculdade tem um severo limite: não pode se contrapor à reconstituição histórica implementada com documentação pertinente, autêntica, genuína, fidedigna. É pois, de se estranhar, que agora, em pleno século XXI, na contramão das pesquisas fundamentadas nas melhores fontes, venha o professor Villa com a sua coleção engrossar a corrente que trata da Inconfidência como mero protesto de sonegadores, reduzindo o mito construído ao longo de mais de 200 anos a um ufanismo vazio. Não se trata de ser arcaico ou conservador, mas o movimento inconfidente foi de alta relevância histórica, um drama de idéias, tendo nascido de motivações ideológicas, de consciência econômica e libertária que bem repercutiu na conquista da nossa independência. Não foi um mero protesto.

Membro do IHG e do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, ano XXXII, edição 1058, 05 de março de 2001)